



1290004373

TCC/UNICAMP
OL4e
IE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

CEDOC - IE - UNICAMP

**O TIGRE CELTA: A ECONOMIA IRLANDESA DESDE A DÉCADA DE 90 - UMA
INVESTIGAÇÃO SOBRE O MODELO DE INSERÇÃO ECONÔMICA .**

ROBERSON SANTOS DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROFA. ANDREA LEDA

MONOGRAFIA APRESENTADA COMO REQUISITO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

CEDOC - IE - UNICAMP

Dezembro de 2009

ABSTRACT.....	3
RESUMO.....	4
1 INTRODUÇÃO.....	5
2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	7
2.1 - CRESCIMENTO ECONÔMICO NA IRLANDA DURANTE O SÉCULO XX.....	7
2.2 - ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO.....	9
3 ANÁLISE DA ESTRUTURA DE INVESTIMENTO.....	19
3.1 - A UNIÃO EUROPÉIA E OS FUNDOS ESTRUTURAIS.....	19
3.2 - O IDE E AS ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA EDUCACIONAL....	24
4 CONVERGÊNCIA ATRASADA OU “BOOM REGIONAL” – AS HIPÓTESES PARA CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	34
4.1 A HIPÓTESE DE CONVERGÊNCIA ATRASADA.....	34
4.2 A HIPÓTESE DE BOO REGIONAL.....	36
4.3 PERSPECTIVAS DAS HIPÓTESES PARA O CASO IRLANDÊS.....	38
5 COMCLUSÕES E PERSPECTIVAS.....	42
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

Abstract

The Irish economy has become over the last two decades, mainly in the 90s, from a knowledge in agriculture and traditional manufacturing to a flourishing economy based on high-tech industries and services. This study aims to analyze the structural changes that led to the economic miracle. The study was performed from the factors highlighted by the literature in the light of the theory of economic growth, then seeking to define and clarify the roles of the factors mentioned in the literature, including: the integration of European funds, the social partnership of the 80s, the tax policy and foreign direct investment, thus evaluating how each element contributed to Irish economic growth.

We analyzed the period that became known as the "Celtic Tiger", starting in the 90's extending to the unfolding global financial crisis of 2008/2009. The work focused on two outbreaks bibliographic (history of the Irish economy and analysis of recent economic growth), and another about the theories of economic growth (delayed convergence and regional boom).

We conclude that the hypothesis that best explains the Irish economy is to the regional economy, and that Irish result derives from a combination of unorthodox policies that harness the internal movements of the global economy. And recent changes in the global economy require Ireland to the new challenges in maintaining economic growth.

Key Words: Economic Growth, Ireland, Celtic Tiger, UE Funds.

Resumo

A economia irlandesa transformou-se nas últimas duas décadas, sobretudo na década de 90, passando de uma base fundamentada na agropecuária e na manufatura tradicional para uma economia crescente e baseada nos setores de alta tecnologia e de serviços. O trabalho tem como objetivo analisar as mudanças estruturais que propiciaram o milagre econômico à partir dos fatores apontados pela bibliografia à luz da teoria do crescimento econômico, buscando então delimitar e especificar o papel dos fatores apontados na literatura, dentre eles: os fundos europeus de integração; o pacto social da década de 80; a política tributária e os investimentos externos diretos, avaliando como cada elemento contribuiu para o crescimento econômico irlandês.

Analizamos o período em que ficou conhecido como o “Tigre Celta”, com início na década de 90 estendendo-se até os desdobramentos da crise financeira mundial de 2008/2009. O trabalho concentrou-se em dois focos bibliográficos (história da economia irlandesa e análise do crescimento econômico recente), e outro a respeito das teorias de crescimento econômico (convergência atrasada e boom regional).

Concluimos que a hipótese que melhor explica a economia irlandesa é a de economia regional, e que resultado Irlandês deriva de uma conjunção de políticas heterodoxas internas que aproveitaram os movimentos da economia global. E as alterações recentes na economia global, impõe à Irlanda novos desafios na manutenção do crescimento econômico.

Palavras Chave: Crescimento econômico, Irlanda, Tigre Celta, Fundos EU.

1. Introdução

A República da Irlanda é uma pequena ilha localizada a oeste da Grã-Bretanha, país de origem celta como os escoceses, de maioria católica. Mesmo considerando o período pré-guerra de independência, quando ainda fazia parte do Reino Unido, nunca obteve em sua história um desenvolvimento econômico tão expressivo como o que tem se observado desde a década de 90.

A Irlanda era até então mundialmente conhecida pela alegria dos típicos bares irlandeses, que se espalham por toda a Europa e pelas principais cidades em muitas partes do mundo. Teve destaque também através do IRA (*Irish Republic Army*) braço armado do partido político *Sinn Féin*, que ao longo da história com suas diversas transformações internas lutou pela unificação da ilha da Irlanda, que foi separada em 1922 na polêmica partição aceita pelo político Michael Collins.

A população da ilha permaneceu praticamente constante durante o século XX, como mostra Gottheil (2003). Em virtude do baixo dinamismo da economia irlandesa, que refletiram em altas taxas de desemprego, verificavam-se altas taxas de emigração ao longo de todo o século XX, o que manteve a população da ilha praticamente constante durante o período.

Contudo, o período de crescimento acelerado transformou a economia irlandesa, fazendo-a deixar a década de 80 como uma das economias mais pobres da Europa e adentrar à primeira década do século 20 com a terceira maior renda per capita do

mundo (GODOI, 2007). As elevadas taxas de crescimento renderam à Irlanda o apelido de “Tigre Celta” em alusão aos “Tigres Asiáticos”.

Mas quais foram os elementos que sustentaram o crescimento econômico irlandês desde a década de 90? Na tentativa de responder a esta questão parte-se da hipótese de que tal crescimento pode ser melhor explicado pela idéia de boom regional, que não tem como característica primordial a convergência aos padrões da Europa ocidental, mas sim a de obter uma inserção privilegiada na globalização produtiva.

Para entender tal crescimento no Capítulo 2 são apontados os principais determinantes do crescimento econômico irlandês no século XX e apresentadas as principais estratégias adotadas. No Capítulo 3 são discutidos os principais elementos que à partir da década de 90, proporcionaram o elemento que faltava ao salto no crescimento econômico. Já no Capítulo 4 são apresentadas as principais teorias que tentam explicar o crescimento Irlandês (Convergência Atrasada e Boom Regional), enquanto que no Capítulo 5 são apresentados os desafios e perspectivas da era pós Tigre Celta em um contexto da crise econômica global.

2. Antecedentes Históricos da Economia Irlandesa.

2.1 Crescimento econômico na Irlanda durante o século XX.

A economia Irlandesa pode ser considerada como periférica quando comparada com a Europa, porém sempre foi bastante interligada a uma das maiores economias européia, a inglesa. Esta integração não se deu apenas na comercialização de *commodities*, mas também entre fluxos de capitais e mão-de-obra (O'GRÁDA e O'ROURKE, 1999). Contudo, esta ligação é apontada como um dos pilares do baixo dinamismo no crescimento econômico irlandês, pois as taxas de crescimento econômico da Irlanda acompanharam as taxas inglesas durante grande parte do século XX. Entre 1926 e 1986 o Produto Interno Bruto (PIB) da Irlanda e do Reino Unido cresceram a uma taxa média de 2,1% ao ano, enquanto que o PIB per capita cresceu a taxas média de 1,7% na Irlanda e 1,8% no Reino Unido (O'GRÁDA e O'ROURKE, 1999).

Entretanto, apesar da Inglaterra deter uma das economias com menor dinamismo da Europa ocidental durante grande parte do século XX, a economia irlandesa já possuía desde a independência efetiva do Reino Unido, um nível de renda per capita inferior. Para Godoi (2007), esse baixo desempenho pode ser explicado pelas restrições institucionais e culturais, bem como as tentativas de implementação de políticas de industrialização com substituição de importação, a partir de 1932, de pouca repercussão.

No entanto, como afirma Grada e Rourke (1999), muitos autores irlandeses vão além da simples comparação irlandesa-britânica ressaltando outros aspectos, dentre os quais, o fato da Irlanda acompanhar o desenvolvimento inglês, uma vez que o Reino Unido era “o homem doente” da Europa, implicando no fato de que a economia irlandesa não acompanhou o ritmo europeu. E apontam para o fato de que a Irlanda deveria ter crescido mais rapidamente que o Reino Unido, dado que era um país mais pobre.

A análise dos aspectos demográficos irlandês indica, em certa medida, o impacto das dificuldades econômicas na população do país. A combinação de baixas taxas de natalidade e elevadas taxas de imigração implicaram em uma estagnação da população, que no ano de 1981 era praticamente a mesma de um século anterior (Tabela 1) (GOTTHEIL, 2003).

Tabela1. População, crescimento natural e emigração líquida, 1881-1981.

Population, natural increase and net emigration: 1881–1981

Year	Total population	Inter-censal period	Annual rate of natural increase ^a	Net emigration
1891	3,468,694	1881–1891	5.3	597,325
1901	3,221,823	1891–1901	4.5	396,414
1911	3,139,688	1901–1911	5.6	261,539
1926	2,971,992	1911–1926	5.2	405,029
1936	2,968,420	1926–1936	5.5	166,751
1946	2,955,107	1936–1946	5.9	187,111
1951	2,960,593	1946–1951	8.6	119,568
1956	2,898,264	1951–1956	9.2	196,763
1961	2,818,341	1956–1961	9.2	212,003
1966	2,884,002	1961–1966	10.3	80,605
1971	2,978,248	1966–1971	10.1	53,906
1979	3,368,217	1971–1979	11.1	108,934
1981	3,443,405	1979–1981	11.8	5,045

Source: *Statistical Abstract of Ireland, 1974 and 1975* (p. 22). Dublin: Central Statistics Office, 1977.

^a Per 1,000 population.

Fonte: GOTTHEIL (2003).

Entretanto, não se tratou de um período de estagnação completa, mas de um crescimento econômico incipiente. Principalmente se comparada com outros países da Europa, pois apresentava claros limitantes ao desenvolvimento dos setores de tecnologia e à manutenção de um setor industrial rudimentar, sendo incapaz de promover uma ampliação da dinâmica de crescimento econômico do país.

Assim, Gottheil (2003) aponta que estes indicadores de desempenho econômico ainda eram insuficientes para superar a atratividade de novas possibilidades econômicas de outros locais e ainda, ocorreu enquanto a estrutura da economia irlandesa parecia estar resistente a um processo de industrialização que estava ocorrendo em outros países.

Entre 1921 e 1981, a Irlanda se manteve tradicional, com uma economia de cunho agrícola caracterizada por um baixo nível tecnológico e com um setor industrial incipiente. Para Gottheil (2003), a modernidade era algo distante para a Irlanda.

2.2 Estratégias de desenvolvimento.

Ao longo do século XX a Irlanda buscou trazer dinamismo à sua economia, implementando estratégias que se mostraram ineficazes para a ampliação do crescimento econômico. Gottheil (2003) aponta três principais estratégias adotadas no período após a Independência, que passaram da tentativa de livre mercado buscando aproveitar as vantagens relativas na agricultura e pecuária, a uma tentativa de instituir um processo de substituição de importações até a implementação do que ficou

conhecido como “industrialização por convite”, sendo este último um dos pilares do motor de crescimento da década de 90.

A primeira delas, a estratégia de vantagens comparativas, constituía-se em especializar-se na produção agrícola, e consolidar a economia da Irlanda como exportadora de alimentos para Reino Unido e Europa.

Com a decadência deste projeto a Irlanda buscou outro caminho, a da economia fechada, elaborando uma “economic autarky strategy” que constituía em ampliar a participação do Estado na economia, através de barreiras tarifárias e do planejamento para uma atuação estatal mais efetiva. Este planejamento tinha o intuito de promover um crescimento econômico baseado na ação do Estado para a criação de uma indústria nacional como motor do crescimento econômico.

Por fim, a Irlanda abandonou novamente o protecionismo e tornou-se novamente uma economia liberal, adotando uma estratégia de “industrialização por convite”, que viria a ser depois o motor do crescimento econômico da década de 90.

2.2.1 *Estratégia de Vantagem comparativa.*

Como ressalta Gottheil (2003), a estratégia de vantagens comparativas não alterou a dinâmica da economia irlandesa em tempos de colônia inglesa. Talvez não pudesse nem mesmo ser caracterizada, de forma deliberada, como estratégia, pois fora se não a manutenção dos pilares econômicos que ligavam a economia irlandesa à inglesa.

Assim, tal estratégia não implicou nenhum novo redirecionamento econômico. Na verdade, ela se apoiou no que já existia anterior a sua independência – nos sinais do mercado para determinar a alocação dos recursos. Naquele período, as particularidades das vantagens comparativas eram a de que esta estratégia não exigia um novo pensamento e confiava-se nas políticas não-discrecionárias, ou seja, não era preciso ousadia. O princípio desta estratégia parecia ser mais confiável em relação a qualquer outra nova concepção política. Os sinais do mercado acabavam por refletir o conservadorismo, característico não só do ambiente econômico, mas de toda uma sociedade, em relação aos aspectos cultural, religioso e político. Dessa forma, o papel do governo era simples, tendo que praticar a menor tributação possível e diminuir os gastos do Estado ao mínimo possível (GOTTHEIL, 2003).

A dinâmica destas diretrizes não tinha na industrialização um papel relevante, pois era baseada no livre comércio e na apropriação somente das vantagens da especialização no comércio de bens primário, na agricultura e pecuária, sobretudo na pecuária de ovelhas. Tal modelo mostrou-se deficiente com o advento da grande depressão, pois as políticas liberais anticíclicas não mais funcionaram e o ciclo de protecionismo que tomou conta do comércio, à partir de meados do século XX, restringiu o mercado dos produtos irlandeses, afetando sobremaneira a possibilidade de especialização da economia em tempos de liberalização comercial (GOTTHEIL, 2003).

Outra consequência desta estratégia era o baixo dinamismo na absorção de mão-de-obra, que fazia da emigração a variável de ajuste para o mercado de trabalho irlandês. Entretanto, com o advento da grande depressão, os principais destinos

fecharam as portas não somente para os produtos, mas também para os imigrantes irlandeses.

Como desenvolveu Gottheil (2003), durante a década de 1920, apesar do número reduzido de postos de trabalho no setor industrial capaz de absorver a mão-de-obra disponível do setor agrícola, foi a manutenção das elevadas taxas de emigração para a Inglaterra e Estados Unidos que mascararam o problema do desemprego que estratégia das vantagens comparativas havia gerado para a década seguinte após a independência. Mas foi na década de 1930 que a situação foi alterada, os Estados Unidos e a Inglaterra elevaram as tarifas na tentativa de restringir as importações, e ainda limitou as imigrações irlandesas. “The consequences in Ireland of this migration shutdown and the new and higher barriers to Irish traditional exports were immediate and serious” (GOTTHEIL, 2003).

A nova dinâmica internacional alterara as possibilidades de inserção da economia irlandesa, inviabilizando a manutenção das políticas liberais adotadas até então, surgindo assim uma nova necessidade de inserção para a economia irlandesa, que culminou em uma nova estratégia política na condução da economia – *economic autarky strategy*.

2.2.2 *The economic autarky strategy.*

Este novo momento na história da economia irlandesa, fruto das alterações na economia global, transformou a relação da economia irlandesa no sentido da auto-suficiência. Isso porque, por um lado havia a dificuldade em exportar em razão do

contexto global, e com uma política deliberada de substituir importações através da imposição de barreiras tarifárias ou não. Outra questão que moveu a economia irlandesa neste sentido foi a segunda guerra mundial, em que apesar de permanecer neutra durante o conflito, este limitava as possibilidades de comércio internacional.

O propósito da estratégia era criar uma estrutura industrial, que uma vez sancionada pelo Estado, fosse vendida e construísse uma dinâmica própria de crescimento econômico. Entretanto, esta estratégia não obteve sucesso, pelo lado do crescimento econômico, ou pelo lado da redução da emigração, como mostra GOTTHEIL (2003). O crescimento econômico mesmo após o término da segunda guerra, situou-se em patamares muito inferiores aos da Europa ocidental, como evidenciado na Tabela 2.

Tabela 2. Crescimento econômico irlandês, 1950-1960.

Irish economic growth: 1950–1960

	Ireland	U.K.	West Europe
Average annual growth rate per capita	2.15	2.51	4.73
Average annual growth rate of GDP	1.67	2.89	5.64

Fonte: O'Gráda e O'Rourke (1999).

GOTTHEIL(2003), ressalta que a estratégia, apesar de criar uma industrialização incipiente não alterou a estrutura da economia irlandesa, de forma a alterar o padrão de crescimento econômico.

“Over the 12-year, post-World War 2 period, 1949–1961, while the rest of Europe was undergoing economic transformations, Ireland’s economic structure was essentially the same. Agriculture still was the dominant employment sector, industry’s share of the labor force rose, but only slightly, and the relative shares of GDP showed only a 5% shift from agriculture to industry. But even this 5% swing did not necessarily represent Ireland’s “coming of age.” Nearly half the manufacturing assets in Ireland were British controlled anyway” (GOTTHEIL, 2003: 724).

Soma-se a dificuldade de alterar a dinâmica, o fato de que a estratégia adotada demonstrou as fragilidades e dificuldades que um processo de industrialização teria que enfrentar na Irlanda no que tange as dificuldades culturais e defasagem tecnológica, que limitavam um processo de industrialização fechado em relação a economia externa. Gottheil (2003) aponta as sete principais circunstâncias que levaram ao fracasso do processo de desenvolvimento de uma dinâmica interna auto-sustentável para a economia irlandesa, e que a inviabilizaram.

O primeiro deles se concentra no fato de que os métodos de produção e as tecnologias adotadas pelas indústrias irlandesas eram obsoletas, assim como a capacidade produtiva era consideravelmente inferior quando comparada aos dos seus concorrentes. Somava-se a isso o fato da pequena dimensão da maioria das empresas e do mercado interno, tornando difícil para as empresas tirar proveito das economias de escala, agravando o problema de redução de custos e preços colocando a Irlanda em

posição de desvantagem vis-à-vis seus concorrentes no mercado internacional (GOTTHEIL, 2003).

Um terceiro aspecto se deve ao fato da produtividade ter sido afetada por diferentes motivos, dentre os quais, baixa concentração de capital; escala reduzida; métodos produtivos menos eficientes; e formação mais pobre. Com relação à inserção das empresas no mercado, estas foram prejudicadas pela ineficiência logística. Isso porque os altos custos de transporte reduziam a rentabilidade das empresas e limitava a capacidade de inserção em novos mercados.

O mercado de trabalho também afetou o sucesso da economia irlandesa. Entre os fatores limitantes, destaca-se a pequena participação feminina na força de trabalho, a falta de mão-de-obra industrial qualificada, assim como a extensa duração da jornada de trabalho e o baixo interesse na qualificação da mão-de-obra.

Outra circunstância diz respeito gestão, a falta de modernas técnicas de gestão e a falta de iniciativa na promoção de venda e marketing afetaram negativamente o processo de desenvolvimento. Por fim, a gestão deficiente aliada ao interesse em atender e proteger o mercado interno em detrimento ao mercado externo, acentuaram ao fracasso do processo de desenvolvimento.

Gottheil (2003) ressalta que cada uma dessas circunstâncias, por si só, fez com que o investidor e potencial investidor irlandês tivessem razões para frear os investimentos. Enquanto que quando tais circunstâncias foram combinadas agiram de forma letal na economia irlandesa.

2.2.3 *Estratégia de industrialização por convite.*

Esforço estatal aliado ao capital estrangeiro: Um novo plano estratégico foi desenhado à partir da década de 60, pois a continuidade do baixo dinamismo da economia irlandesa, continuava a drenar da Irlanda sua população jovem, à procura de melhores oportunidades, principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos. A idéia que fundamentou a nova estratégia foi a que já que o jovem irlandês e o trabalhador irlandês iriam de qualquer maneira servir ao capital estrangeiro, que então o deveriam fazer em sua terra natal.

O novo foco passou a ser então a atração de investimentos externos, que trariam capital e tecnologia atraídos por vantagens na implementação de projetos de investimentos, e facilidades na remessa de lucros e dividendos (Gottheil, 2003) . Esta estratégia será melhor desenvolvida nos capítulos posteriores, merecedora que é de atenção, pois é a partir de seu aprimoramento, juntamente com o advento da consolidação da União Européia, que a Irlanda construiu a base para o elevado crescimento econômico da década de 90 em diante. Cabe ressaltar, porém, que o interesse primordial era a questão demográfica, que passava portanto pela geração de empregos. A Tabela 3 apresenta um panorama da nacionalidade e sucesso dos empreendimentos lançados

Tabela 3. Estabelecimentos subsidiados classificados por sucesso/fracasso e nacionalidade, 1960 - 1973.

Grant-aided manufacturing establishments classified by success/failure and by nationality: 1960-1973

	U.K.	U.S.	German	Irish	Dutch	Other	Joint	Total
Success	67	69	47	121	13	31	4	352
Failure	18	6	10	24	3	5	0	66
Total	85	75	57	145	16	36	4	418

Fonte: O'Farrell (1975).

O propósito desta nova estratégia não suprimir o capital nacional, mas sim atrair para a economia capitais estrangeiros, principalmente em setores complementares, e utilizar a dinâmica econômica fornecida pelo capital externo para fomentar a indústria local. A indústria doméstica também era beneficiada com subsídios e incentivos para o seu desenvolvimento com base na Tabela 3 verifica-se que aproximadamente 1/3 dos incentivos foram para o capital doméstico.

Esta última estratégia é apontada como um dos elementos fundamentais do desenvolvimento irlandês, onde o princípio era atrair o capital externo para os setores de tecnologia de ponta e utilizar a dinâmica externa para impulsionar o capital interno. A Tabela 4 apresenta claramente a expansão da indústria nacional à reboque do investimento externo.

Tabela 4. Número de Empresas, emprego, e receitas da indústria irlandesa de software (de capital próprio e estrangeiro), 1987-1997.

Number of Companies, Employment, and Revenues of Foreign and Irish Ownership in the Irish Software Industry, 1987-97

Year	Foreign Owned			Irish Owned		
	Firms	Employment	Revenue (\$ m.)	Firms	Employment	Revenue (\$ m.)
(percentage growth in previous two years)						
1987	25	600	NA	140	1,230	65
1991	74	3,992	2,465	291	3,801	234
1993	81	4,448	2,739	336	4,495	368
	(9%)	(11%)	(11%)	(15%)	(18%)	(57%)
1995	93	6,011	4,125	390	5,773	610
	(15%)	(35%)	(51%)	(16%)	(28%)	(66%)
1997	108	9,100	6,214	571	9,200	834
	(16%)	(51%)	(51%)	(46%)	(59%)	(37%)

Source: National Software Directorate, *1995 Software Industry Survey Results* (Dublin: Forbairt, 1995); National Software Directorate, *1997 Software Industry Survey Results* (Dublin: Forbairt, 1997); An Cúras Tráchtála, *The Irish Software Industry* (Dublin: An Cúras Tráchtála, 1987).

Fonte: ÓRIAIN (2000).

O entendimento das principais estratégias que orientaram a economia irlandesa no século XX é ponto fundamental para introduzir os elementos que propiciaram o crescimento econômico acelerado que se desenhou no período posterior. A entrada na União Européia, bem como a transformação nos fluxos globais de comércio, impulsionaram esta estratégia a partir da década de 80, e principalmente na década de 90, incorporando à economia irlandesa uma dinâmica até então ausente.

3. Análise da estrutura do investimento: Fundos EU, IDE e capital nacional

Embora a estratégia de industrialização por convite, estivesse no escopo econômico Irlandês mesmo antes da sua entrada na União Européia (UE). Isto não surtiu efeito até a década de 90, e o intuito deste capítulo é justamente apontar e desenvolver os elementos que instituídos à partir da década de 90, proporcionaram o elemento que faltava ao salto no crescimento econômico Irlandês. Muitos são os fatores apontados e discutiremos aqui sobretudo a importância da participação na UE e do acesso aos fundos estruturais de desenvolvimento, a abertura econômica, a importância do sistema educacional, e dos fluxos de IDE.

3.1 A União Européia e os Fundos estruturais.

A Irlanda juntamente com o Reino unido entrou no que se tornaria posteriormente a União européia em 1973 e isto representou um aprofundamento do compromisso com a estratégia de industrialização por convite pois ampliaria o acesso a mercados maiores. A participação na EU, entretanto implicaria também a abertura da economia irlandesa para o mercado comum, e isto trouxe consequências profundas para a incipiente indústria nacional, sobretudo após 1977, quando a todas as tarifas de importação foram eliminadas. Como resultado em torno de 44% das firmas fecharam, pois em decorrência dos anos da “autarky strategy”, quando tinham o mercado protegido, estas indústrias careciam de produtividade, volume de capital e expertise para tirar proveito do livre mercado europeu. Ao contrário sucumbiram a concorrência com o capital externo, advindo de economias consolidadas da Europa ocidental. Outro

fator que concorreu para a intensificação do processo foi o aumento dos salários na década de 80, como consequência da atração das modernas indústrias, especialmente entre a mão de obra qualificada que elevou o nível de salários. Ao longo da década de 80 o salário médio tanto na moderna indústria (capital externo), como na indústria tradicional (capital nacional) convergiram para um patamar muito acima do observado na indústria original, assim como os níveis de produtividade. Entretanto o emprego na indústria tradicional caiu, como consequência do fechamento de firmas. A indústrias nacionais que sobreviveram à abertura, saíram fortalecidas como mostra a Tabela 5 (GOTTHEIL, 2003).

Tabela 5. Produtividade por empregado nos setores moderno e tradicional.

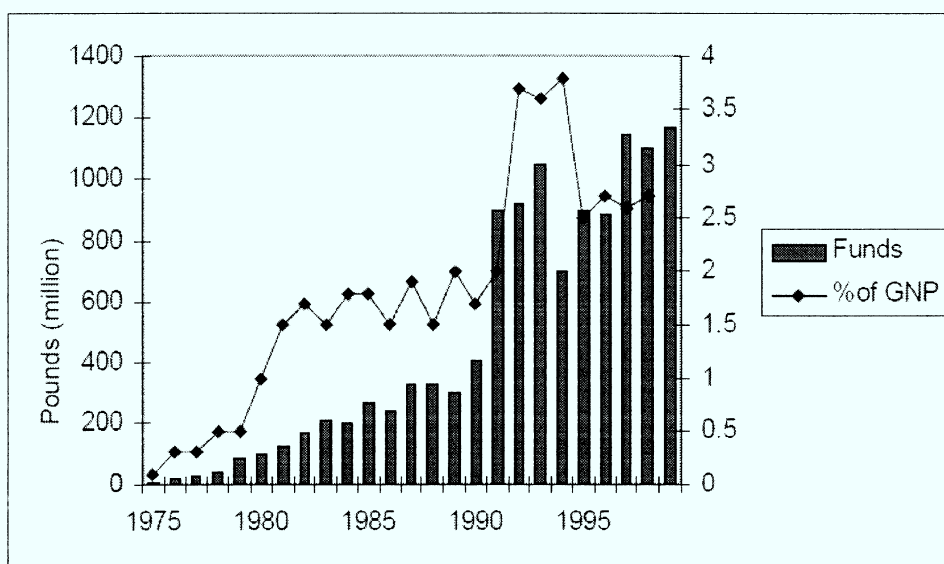
Output and employment in "traditional" and "modern" industry (1980 = 100)

	1982	1986	1992
Modern			
Output per head	113.3	187.5	334.2
Average earnings	312.2	201.2	250.6
Employment	112.7	119.3	153.9
Traditional			
Output per head	106.0	133.4	167.4
Average earnings	131.3	188.6	247.0
Employment	91.4	75.1	72.6

Source: Barry, F. (1996). Peripherality in economic geography and modern growth theory: evidence from Ireland's adjustment to free trade. *World economy* (Vol. 19, no. 3, pp. 343-365). Cited in O'Grada, C. (1997). *A rocky road: The Irish economy since the 1920s* (p. 121). New York: Manchester University Press.

Se por um lado a participação na União Européia, complementarmente à estratégia de industrialização por convite, trouxe uma reestruturação da indústria nacional, complementarmente o acesso aos fundos de estruturais exerceu papel importante na realização de investimentos de infra-estrutura física e social, contribuindo sobremaneira, sobretudo à partir de 1989, para a ampliação do crescimento econômico

do país. O gráfico 1, retirado de ÖZENEN (2006), ilustra a importância da participação dos fundos estruturais no PIB Irlandês, e como os volumes se ampliaram na década de 90, chegando a corresponder a quase 3,8% do PIB em 1993.



Source: Barry et. al. 1997

A Irlanda utilizou intensamente estes fundos para construir a infra-estrutura necessária para aumentar a sua competitividade e assim ampliar condições para as indústrias ali instaladas concorrerem no mercado europeu.

Segundo ÖZENEN (2006) a criação do fundo regional para o desenvolvimento europeu, em 1975, foi o início da consolidação da idéia de busca pela redução das disparidades regionais que permeia o bloco europeu desde a sua criação. Existem quatro fundos, os chamados fundos estruturais: *European Regional Development Fund*

(ERDF), *European Social Fund* (ESF), *European Agricultural Guidance and Guarantee Fund* (EAGGF) *Financial Instrument for Fisheries Guidance* (FIFG).

O ERDF tem por objetivo de promover o desenvolvimento regional financiando investimentos produtivos direcionados à criação de emprego, projetos de infra-estrutura e pequenos e médios empreendimentos. O ESF tem como diretriz reduzir o desemprego, através do financiamento de projetos educacionais e treinamentos que promovam a empregabilidade além de políticas para o mercado de trabalho. O EAGGF tem o objetivo de financiar pagamentos dentro da Política Agrícola comum, fomentando a produção agrícola dentro da EU, e finalmente o FIFG tem o objetivo de financiar a modernização a indústria da pesca e áreas correlatas (ÖZENEN, 2006).

Paralelamente, em 1992, foi criado o *Cohesion Funding*, cujo objetivo era ajudar na convergência para a criação União econômica e monetária, nos países com PIB per capita menor que 90% da média da U.E. (Irlanda, Grécia, Portugal e Espanha). O *Cohesion Fund* direciona seus recursos para projetos em infra-estrutura e meio ambiente, e foi utilizado pela Irlanda em muitos para investimentos em estradas, portos, malha ferroviária, tratamento de água e esgotos.

A Tabela 6, apresenta os volumes utilizados pela Irlanda de 1989 à 2006, dos fundos estruturais e de coesão:

Tabela 6. Programas co-financiados pelos fundos Europeus - Irlanda

Structural Funds Programmes in Ireland			
	1989-1993	1994-1999	2000-2006
	€ million	€ million	€ million
(1) National Development Plan (Total)	12,275	16,800	57,111
(2) (of which) Co-financed Investment	8,339	10,383	7,680
(3) (of which) Structural Cohesion Funds	3,672	6,921	3,739
(4) (2) as % of (1)	67.93%	61.80%	13.45%
(5) (3) as % of (1)	29.91%	41.20%	6.55%

Fonte: The Irish Regions Office (2009)

Para a utilização dos fundos europeus é necessária a implementação de um plano nacional de desenvolvimento que fará o desenvolvimento da estratégia de aplicação dos recursos e organizará os projetos e a mensuração dos benefícios para a reivindicar dos recursos dos fundos. No período de 1989 à 2006 foram constituídos três planos nacionais de desenvolvimento (NPD – *National Development Plan*), o primeiro de 1989 à 1993, o segundo de 1994 à 1999 e o terceiro de 2000 à 2006 (THE IRISH REGIONS OFFICE, 2009).

Os dois primeiros planos obtiveram sucesso em promover investimentos em nível nacional, com recursos co-financiados pelos fundos europeus, com impactos muito positivos na convergência da Irlanda para os padrões europeus. Entretanto verificou-se um desequilíbrio concentração deste crescimento, com as regiões leste e sudeste crescendo mais rapidamente que o oeste, norte e as terras centrais. O plano iniciado à partir de 2000, buscou então balancear os investimentos dividindo-os em duas regiões

e priorizando também projetos de cunho regional (THE IRISH REGIONS OFFICE, 2009).

O sucesso na aplicação dos fundos europeus, foi possível na Irlanda pela conjugação com um bem estruturado planos de nacional de desenvolvimento, outro fator importante, foi a conjugação com um período crucial, onde a Irlanda começava uma reestruturação econômica, e a ampliação dos recursos dos fundos funcionou como importante fator psicológico na consolidação do processo. A priorização dos investimentos em educação e treinamentos, sendo a Irlanda o país que mais direcionou recursos dos fundos estruturais para esta área (35%), ajudou a consolidar a atratividade da mão de obra para o capital externo. E por fim, podemos salientar o importante papel no desenvolvimento da administração pública, em áreas como análise e mensuração de projetos bem como na parceria social para o desenvolvimento regional. A política de utilização dos fundos promoveu a consolidação de parcerias regionais (IRISH REGIONS OFFICE, 2009).

3.2 O Investimento Direto Externo (IDE) e as alterações na estrutura educacional.

O amadurecimento da estratégia de industrialização por convite, descrita no Capítulo 2, decorrente da melhora da situação fiscal no final da década de 80, do advento da globalização, da ampliação do vínculo com a União Européia, da ampliação dos investimentos em educação levou a Irlanda ao posto de economia com maior intensidade de capital estrangeiro na indústria, como mostra a Tabela 7, bem finalmente ver decolar a estratégia de industrialização por convite, de tal forma que ao final de

1999, 88% da formação bruta de capital era de propriedade estrangeira, como mostra a Tabela 8 GOTHEIL(2003).

Tabela 7. IDE – Intensidade na economia Irlandesa.

Table 1: FDI-Intensity of the Irish Economy

	Share of foreign affiliates in manufacturing employment	Share of foreign affiliates in services employment	FDI inward stock (USD) per head of population (2004)
Ireland	49	22	57372
EU15	23	10	9796
CEE	33	16	2403

Notes: affiliate employment shares (2002 or closest date) come from OECD (2005, tables E6 and E7) Science, Technology and Industry Scoreboard. CEE refers to the country average for Hungary, Poland and the Czech Republic. FDI Inward Stock data come from the UNCTAD (2005) World Investment Report.

Tabela 8. Investimento Direto como percentual do PIB e da formação de capital.

Foreign direct investment as a percent of GDP and capital formation

	FDI as % of GNP			FDI as % of capital formation		
	1980	1990	1999	1980	1990	1999
Ireland	1	1	20		6	88
South Korea	0	0	2	0	1	9
Malaysia	4	5	2	12	16	9
Singapore	8	15	8	23	41	25
Thailand	1	3	5	2	7	24

Source: *World Bank Report*, 2001.

O sucesso na atração de IDE, é anterior a “era do Tigre Celta”, nos anos 90. Desde 1958 a Irlanda caminha no sentido de atrair o capital externo. As companhias foram as primeiras responderem às políticas para a atração de IDE, fruto da estratégia de industrialização por convite, vindo as americanas a predominar apenas com a aproximação da entrada da na União Européia, como pode ser observado na Tabela 9.

Tabela 9. Numero de novas companhias estrangeiras estabelecendo operações na Irlanda

	1955-59	1960-64	1965-69	1970-73
Total	30	86	116	168
..... UK	16	26	48	43
..... German	5	21	16	30
..... US	5	20	27	55
..... Other	4	19	25	40

Source: Authors calculations from IDA (1973)

Fonte: Barry, 2006.

Neste primeiro período antes da entrada na União Européia, a maioria dos investimentos concentrava-se nos setores de baixa tecnologia, como mostra a Tabela 10, retirada de BARRY, 2006.

Tabela 10. Distribuição setorial do emprego na “nova” indústria estrangeira.

	1960	1965	1969	1973	1986
Food and Drink	2.8	3.4	9.0	10.8	8.6
Textiles and Clothing	10.2	16.4	19.2	21.1	15.9
Wood and Furniture	0.0	1.6	1.6	1.5	1.2
Pulp, Paper and Printing	11.3	5.9	3.6	2.9	2.1
Clay, glass and cement	0.0	1.9	2.3	2.4	2.6
Pharmaceuticals	0.0	3.3	2.9	2.3	5.7
Chemicals (excl pharma)	7.1	7.9	6.0	5.4	3.9
Electronics	6.4	8.5	12.1	10.9	25.9
Metal prods (excl. electronics)	49.6	40.0	29.6	27.4	15.1
Medical and optical	0.0	1.5	4.8	6.9	10.0
Other manuf (excl. med and opt)	12.6	9.4	8.7	8.4	8.9

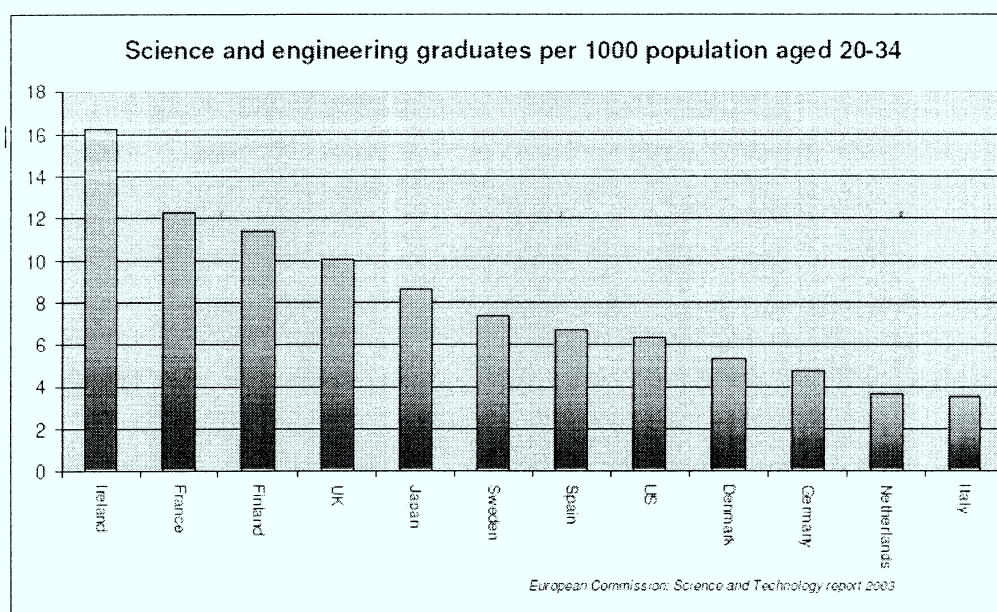
Fonte: Barry (2006).

Barry (2006), aponta que estudos da OCDE, desta época indicam a ampliação da preocupação com o nível educacional, até então incongruente com a nova estratégia de desenvolvimento. Em 1967 foi instituída a gratuidade no ensino secundário bem como a disponibilização de transporte gratuito. O objetivo era reverter os altos níveis de evasão escolar que chegavam à casa de 50%, acima dos 13 anos de idade.

Uma segunda fase na atração de IDE inicia-se com a entrada na UE, com a ampliação da participação do capital proveniente dos Estados Unidos e o progressivo crescimento das indústrias intensivas em tecnologia graças a política fiscal atrativa, mas que não seria possível sem os avanços educacionais iniciados na década de 60. Um componente importante no avanço educacional desenvolvido nos anos 70, sobretudo para a atração de IDE, foi a criação dos “*Regional Technical Colleges*” depois chamados de Instituto de tecnologia, que ofereciam cursos de graduação curtos e

tecnológicos nos campos de engenharia e negócios. Já em 1981 a Irlanda possuía a segunda maior proporção de alunos com este tipo de formação, atrás apenas da Holanda. Podemos dizer que as diretrizes de política educacional andam à reboque das diretrizes industriais, olhando mais para frente veremos que isto resultará em níveis de qualificação até superiores a muitos países desenvolvidos. Barry (2006). Como ilustra a Gráfico 2, que compara a taxa de formados em engenharia em países selecionados.

Gráfico 2. Número de Graduados em ciência e engenharia por 1000 habitantes, entre a população de 20 a 34 anos.



Fonte: Barry (2006).

Um importante instrumento na atração destes investimentos foi a trabalho da IDA (Irish Development Authority), que fora criada em 1949, ainda com a economia sob proteccionismo, mas que posteriormente promoveu tornou-se um ator proativo na prospecção IDE de empresas internacionais através de uma atuação autônoma, com

funcionário altamente qualificados e com escritórios em várias partes do mundo, e intensamente nos Estados Unidos atuando como uma agência nacional de promoção de investimentos, identificando e persuadindo companhias que interessavam às diretrizes industriais e econômicas irlandesas (BARRY, 2006).

Paralelamente ao trabalho dos institutos de tecnologia, as universidades, em conjunto com a IDA, constituíram em 1978 o *Manpower Consultative Committee*, cujo objetivo era promover o diálogo entre as políticas educacionais e as necessidades da estratégia de atração de IDE, promovida pela IDA. Como exemplo deste trabalho, a IDA consciente da lacuna entre a oferta de graduados área eletrônica , e a perspectiva de demanda para área com a atração de companhias americanas, convenceu o governo a investir pesadamente na ampliação da capacidade educacional nestas áreas, e como resultado, o numero de graduados entre 1978 e 1983 aumentou 40% (Barry, 2006). A IDA construía então mais um argumento para persuadir as multinacionais a investirem na Irlanda.

A política industrial irlandesa foi claramente desenhada para atrair e especializar-se como em poucos setores de alta tecnologia, buscando orientar a atuação da política industrial para a indústria moderna e os setores industriais nascentes. A IDA estabeleceu relacionamentos com as companhias líderes nos setores de computação (software, hardware e serviços) e farmacêutico, buscando entender suas necessidades e trabalhar os instrumentos que dispunha para que a Irlanda pudesse oferecer o que os setores necessitavam (DORNAN, 2009)

Abertura econômica, acesso ao mercado comum europeu, uma política industrial que favorecia e incentivava o investimento direto externo, mão de obra qualificada ao longo da década de 80, estes elementos se consolidaram e a última barreira a ser derrubada era a situação fiscal do governo central, deteriorada na década de 80 em decorrência da crise do petróleo da década de 80. O caminho para a reorganização aconteceu em 1987, com a eleição do partido Fianna Fail que estava na oposição desde 1982, propondo um rigoroso pacote de corte de gastos a construção de um pacto social, onde trabalhadores, governo e setor privado coordenaram uma estratégia para reduzir a inflação, organizar as contas públicas e controlar o crescimento dos salários de forma a construir uma estabilidade macroeconômica que propiciasse o saneamento das contas públicas e abrisse caminho para a consolidação da estratégia de industrialização por convite (BARRY, 2003) e (DORNAN, 2009).

Estava então o caminho aberto para a consolidação do *Celtic Tiger*. De 1987 à 2000 o número de empregos na indústria comandada pelo capital externo cresceu 50%, bem como alterou-se a composição do setores manufatureiros de propriedade estrangeira. O capital americano em especial tem um papel central em decorrência encontrar na Irlanda conexão cultural (aproximadamente 40 milhões de americanos são de origem irlandesa), acesso ao mercado comum europeu e mão de obra qualificada e tendo o inglês como língua nativa. Isto transformou a Irlanda na porta de entrada para os investimentos americanos na Europa, como mostra a Tabela 11 (GOTHEIL, 2003)

Tabela 11. Investimento direto americano por trabalhador (US\$).

U.S. direct investment per manufacturing worker (US\$)

	1983	1992	1996
Ireland	14,417	19,846	29,948
U.K.	2,306	3,763	6,423
France	823	3,137	4,042
Germany	1,195	1,939	2,381
Spain	619	2,040	3,042
EU15	1,273	2,627	4,189

Source: Barry, F., Bradley, J., & O'Malley, E. (1999). Indigenous and foreign industry: Characteristics and performance. In F. Barry (Ed.), *Understanding Ireland's economic growth* (p. 46). London: MacMillan Press.

Fonte: GOTTHEIL (2003).

GOTHEIL(2003) aponta para a natureza do capital motor deste desenvolvimento para questionar quanto ao termos Tigre Celta, questionando deste é de fato celta (irlandês), uma vez que um dos propulsores do crescimento econômico irlandês foi exatamente a atração de fluxos de Investimento Direto Externo (IDE), sobretudo capital Americano. Como citado anteriormente, pode-se afirmar que a Irlanda é o principal destino do IDE americano e isto difere completamente dos "Tigres asiáticos" no que tange o percentual de participação do investimento externo na formação bruta de capital.

Por fim CARDOSO et al. (2009) apontam que o acesso ao mercado comum europeu; a existência de uma mão-de-obra qualificada e falante nativa de inglês; uma política fiscal e cambial, criaram uma condição de estabilidade e foram fundamentais na atração do IDE, sobretudo o americano, uma vez que o arcabouço institucional irlandês se assemelha muito com o americano. Podemos também reafirmar a importância do

acesso aos fundos de desenvolvimento da união européia, pois estes propiciaram à Irlanda realizar investimentos fundamentais em infra-estrutura sem afetar a estrutura fiscal do Estado, e ainda proporcionaram a oferta, por parte do Estado, de taxas e impostos subsidiados para níveis muito menores aos das União Européia, como pode ser verificado na Tabela 12.

Tabela 12. Taxa de imposto corporativa para países selecionados da União Européia.

Corporate tax rates for selected European Union economies (1997)

Ireland	10.0
Germany	37.5
United Kingdom	33.0
Italy	36.0
Netherlands	35.0
Belgium	39.0
Denmark	34.0
France	33.3
Spain	35.0

Source: *European Commission and OECD*. Cited in Benassy-Quere, A., Fontagne, L., & Lahreche-Revil, A. (2000, September). *Foreign direct investment and the prospects for tax co-ordination in Europe*. Unpublished paper.

Fonte: GOTTHEIL (2003).

Entender o crescimento econômico irlandês não é possível sem observar a justaposição entre os diferentes fatores, que congregados conseguiram tornar a Irlanda um pólo de atração para o IDE, que como podemos observar da Tabela 13 atraiu uma quantidade muito maior de IDE do que qualquer economia européia.

Tabela 13. IDE -- Estoque per capita (USD)

	Ireland	UK	Spain	France	EU-15
1980	1102	1119	137	415	546
1985	1313	1130	233	594	688
1990	1569	3542	1696	1720	2113
1995	3251	3408	3331	3119	3029
2000	15623	8079	3567	4401	6271

Source: Barry 2004

Fonte: BARRY (2004).

Já BARRY (2009), aponta em sua análise, que será aprofundada no capítulo 4, duas hipóteses para explicar o crescimento irlandês. A primeira diz respeito a convergência atrasada, cuja tese descreve o crescimento como um esforço de convergência da economia irlandesa para os padrões da União Européia. A esta análise pesa a participação importante dos fundo estruturais na ampliação do investimento na Irlanda (CARDOSO *et al*, 2009). A segunda tese é a de que o crescimento econômico explicaria-se nos termo de um *boom* regional, um crescimento por especialização, concentrado da alteração da dinâmica do mercado de trabalho através do aproveitamento da condição de membro da União Européia para políticas de cunho regional na atração de investimentos externos.

4. Convergência Atrasada ou Boom Regional – As hipóteses para o crescimento econômico.

Conforme Barry (2009), praticamente todas as tentativas de explicar o fenômeno de crescimento irlandês estendem-se no terreno de duas hipóteses: A de convergência atrasada e a de crescimento regional. O entendimento destas explicações para o crescimento da economia irlandesa é crucial para traçar uma perspectiva de manutenção do modelo irlandês ao longo dos próximos anos.

4.1 A Hipótese de convergência atrasada.

Existem evidências de que convergências de renda acontecem entre economias com similaridades em cruciais aspectos como: nível educacional, acesso à tecnologia, abertura econômica e estabilidade macroeconômica. Isto vem acontecendo, por exemplo, entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde as economias mais pobres imprimem um ritmo de crescimento maior do que os países mais ricos.

O modelo de crescimento de Solow¹, por exemplo, teoriza isto. Assim, considerando que todos os países têm disponíveis as mesmas tecnologias, quanto

¹ Segundo Sala-i-Martin (2000), um ponto fundamental a ser estudado é a rapidez com que a economia evolui durante o processo de transição para o estado estacionário. Este processo no modelo neoclássico de Solow é representado pelo conceito de beta convergência. Assim, esta passou a representar a velocidade do processo de transição e uma forma de identificar a possibilidade de haver convergência ou não. Dito de outra forma, se economias mais pobres crescem a taxas maiores que economias mais ricas. Segundo o modelo neoclássico de Solow, a velocidade de convergência é definida como a mudança da taxa de crescimento quando o produto per capita muda.

menor a participação de um fator no produto maior será a sua produtividade. Pode-se então afirmar que a escassez de capital o faz ser mais produtivo em países mais pobres. Portanto, a criação de um ambiente apropriado para o investimento proporcionará um crescimento econômico acelerado aos países mais pobres.

Este é o argumento central da hipótese de convergência atrasada. O advento da era do Tigre Celta e a convergência para os padrões europeus de nível de renda, nesta visão, seriam somente o resultado do ajustamento das políticas macroeconômicas. O objeto de análise é então buscar os elementos que não permitiram o crescimento econômico da Irlanda no período pré Tigre Celta. Neste sentido, O'grada e O'Rourke (1990) apontam alguns destes elementos ao longo das décadas de 60, 70 e 80. Para eles, isso se deve à dificuldade em reduzir o protecionismo e ao fato de que a questão educacional foi solucionada somente uma década após os demais países da Europa Ocidental.

Uma vez que estes pontos foram equacionados, os limitantes na década de 80 foram outros. A dificuldade em alcançar o equilíbrio nas contas públicas, com crescentes déficits fiscais teria sido o fator preponderante na manutenção das baixas taxas de fluxo de capital.

Como as economias se diferem umas das outras pelo estoque de capital por trabalhador, o crescimento econômico será maior nas economias com menor estoque de capital por trabalhador, ou seja, nas economias mais pobres. Dado que a taxa de crescimento da renda per capita é proporcional à taxa de crescimento do capital per capita, e que a única diferença entre as economias está em seus estoques de capital iniciais e rendas iniciais, isso nos mostra que há uma relação negativa entre a renda inicial e sua taxa de crescimento.

Assim, uma vez resolvidos estes problemas, a Irlanda teria então caminho livre ao influxo de capital e avançado na convergência como o restante do continente europeu. As questões a respeito da estrutura produtiva e da inter-relação entre a economia e o restante do mundo são, nesta hipótese, questões de ajuste intra-industrial, e uma vez que uma economia nacional tem alcançado níveis “corretos” de política macroeconômica estas questões alocativas podem ser resolvidas.

A hipótese de convergência atrasada sugere que uma vez que todas as políticas macroeconômicas estão dimensionadas da maneira correta, a convergência econômica se dará, e os defensores desta hipótese afirmam que ao resolver o último elemento que restringia o crescimento econômico, o desajuste no financiamento do setor público, a economia irlandesa construiu enfim o caminho para a convergência. Para eles esta convergência poderia ter sido alcançada antes, caso os ajustes tivessem sido feito na década de 70.

A principal implicação desta hipótese é a de que uma vez alcançada, a convergência do nível de renda atingida pela Irlanda poderia ser mantida simplesmente com a manutenção das “boas” políticas macroeconômicas utilizadas em toda a Europa Ocidental.

4.2 A Hipótese de boom regional.

Uma economia regional difere de uma economia nacional, tal como esta é definida, sobretudo na mobilidade da força de trabalho. Isto faz com que os salários em

uma economia sejam determinados não somente na economia nacional, mas na região com a qual o país divide sua força de trabalho. A implicação é que o nível de emprego passa a ser definido pela oferta de trabalho, e não pela demanda, gerando uma situação onde há para economia um favorecimento à emigração da dos trabalhadores, ao invés da inserção de capital na economia.

Krugman (1997) propõe que analisemos a economia irlandesa sobe esta perspectiva, onde o numero de empregos é determinado pela demanda dos trabalhadores, ao invés de serem determinados pela oferta de trabalho criando vagas ao estímulo do nível de salários. Antes do período denominado como Tigre Celta, esta dinâmica do mercado de trabalho sempre resultou em emigração.

O elemento transitório para Krugman foi a introdução da estratégia de desenvolvimento baseada na plataforma de exportação como elemento de mudança estrutura de demanda por trabalhadores. Através da entrada na União européia, da resolução do déficit nas contas públicas e do programa de redução de tributos, a Irlanda conseguiu introduzir um elemento dinamizador no mercado de trabalho que propiciou a reversão do quadro migratório. Embora o capital nacional tenha desempenhado papel importante ao longo da era denominada como “tigre celta”, o crescimento vertiginoso das exportações irlandesas não existiria sem o capital estrangeiro, e este não existiria sem a participação na EU e sem o incentivo fiscal para o capital externo. O desenvolvimento do mercado comum europeu promoveu importante aumento do IDE na Europa sobretudo do capital americano, juntamente com a resolução da crise fiscal e a proximidade cultural entre Irlanda e Estados Unidos, propiciara um terreno fértil para o

emergir de uma nova era industrial na Irlanda. O foco da tese de “boom regional” está justamente nos impactos destes fatores na base exportadora da economia.

Ao considerar estes elementos podemos afirmar que as “corretas” políticas macroeconômicas podem ter sido necessárias mas não suficientes para o crescimento irlandês e que uma crise que afete um destes elementos mantenedores da plataforma de industrial de exportação reduzirá a atratividade da Irlanda na atração do IDE, e por conseqüência a dinâmica de crescimento. O processo de ajustamento de economia nacional, novas indústrias surgiriam e aproveitariam a mão-de-obra qualificada e de baixo custo, provocando um ajustamento de longo prazo, porém no caso da Irlanda, esta mão de obra migraria, como aconteceu no passado, e não haveria continuidade no processo de crescimento.

Uma economia regional pode crescer mais rapidamente com fluxos de capital e trabalho estimulando-se simultaneamente, entretanto o problema é que a mesma dinâmica pode fazê-la declinar mais acentuadamente ao primeiro sinal de desajuste nas perspectivas de manutenção do seu arranjo sustentador.

4.3 Perspectivas das hipóteses para o caso Irlandês.

Barry (2009) levanta algumas possibilidades com as quais a hipótese de convergência atrasada apresenta falhas para o entendimento do processo irlandês. Ele aponta que países como Grécia, Portugal e Espanha, estavam atrás da Irlanda na década de 60 e 70 em políticas que os defensores da convergência atrasada apontam como os entraves irlandeses, tais como a liberalização comercial e a baixa qualidade da

força de trabalho, e mesmo assim estes países experimentaram uma relativamente forte convergência enquanto a Irlanda não. A Tabela 14 mostra como, na qualificação da força de trabalho, a Irlanda tinha níveis semelhantes aos países da periferia econômica da Europa Ocidental.

Tabela 14. Nível de escolaridade da população com idade 25-64 (1988); (OECD=1.00)

	% attainment at least upper secondary	% attainment at least tertiary B (diploma level)	% attainment at least tertiary A (degree level)
Ireland OECD	0.84	1.00	0.79
Greece OECD	0.72	0.76	0.79
Portugal OECD	0.33	0.43	0.50
Spain OECD	0.54	0.95	1.00

Fonte: Barry (2003).

Com relação à velocidade de crescimento, alguns modelos apontam que o enquanto “boas” políticas facilitam a convergência, as políticas incorretas atuam como uma barreira. A questão a ser discutida é, se uma vez adotadas estas políticas corretas, o crescimento será tal que sua velocidade compensará o tempo perdido. Isto implicaria então em dizer que se esta políticas tivessem sido adotadas na década de 70, ou 80 a Irlanda teria a mesma velocidade de crescimento que experimentou na década de 90, entretanto sem incluir na análise os fatores levantados pela visão de economia regional, não seria possível afirmar isto (Barry, 2009)

A discussão a respeito do IDE leva ao ponto crucial de que a perspectiva de convergência atrasada não inclui a necessidade de adoção de qualquer política não ortodoxa, ou mesmo industrial. Já a perspectiva apontada pela visão de crescimento regional, conduz ao fato de que as políticas ortodoxas podem ser até necessárias, mas não serão suficientes para gerar crescimento nas economias regionais (Barry, 2009).

Barry argumenta que a chave para o crescimento econômico em uma economia regional é criar competitividade e isto foi alcançado com a estratégia de subsídio fiscal, juntamente com a política industrial conduzida pela IDA (*Industrial Development Authority*), que proporcionou a criação de uma plataforma de exportação, não agrária em torno da qual outras atividades puderam se desenvolver. As políticas apontadas como cruciais pela perspectiva de convergência são importantes, entretanto a estratégia industrial é de longe a mais relevante para explicar o advento da era que ficou denominada Tigre Celta (Barry, 2009).

A partir destas considerações, precisaríamos então analisar a continuidade e manutenção da estratégia de crescimento, e seria possível elencar alguns fatores que poderiam reduzir o nível de crescimento irlandês sempre conectados com as políticas não ortodoxas, motor do crescimento econômico. Primeiramente, se considerarmos uma redução drástica nos fluxos de capital americano, decorrência de uma crise, da reorientação estratégica das multinacionais, ou da concorrência dos países do Leste Europeu novos membros da União Européia. Outra possibilidade seria a harmonização dos tributos corporativos que reduziria as vantagens irlandesas na atração de IDE. Enquanto a perspectiva de convergência veria estes fatores como choques

temporários, uma vez que as políticas corretas estão mantidas. A perspectiva regional ao contrário considera a possibilidade de que o ciclo de convergência se dissolva e a economia possa voltar a encontrar dificuldades que não serão sanadas somente com a manutenção de boas políticas macroeconômicas.

Para Barry (2009), a Irlanda pode ser melhor vista sob a perspectiva de economia regional, que ela dificilmente teria convergido na mesma velocidade nas décadas de 70 e 80, e que somente uma com a introdução da política industrial focada em setores de alta tecnologia, com incentivo fiscal foi possível ampliar a velocidade de crescimento e da convergência para os padrões europeus, sobretudo porque teria muito menos IDE disponível.

Destas duas diferentes hipóteses derivam duas diferentes implicações para o futuro da economia irlandesa. Se a hipótese de convergência estiver correta, a Irlanda tem como única preocupação agora manter as boas políticas macroeconômicas e os resultados decorrente da convergência permanecerão, havendo apenas alguns ajustes temporários. Entretanto se a hipótese de boom regional estiver correta, e este trabalho tende a concordar com esta análise, choques externos nos fluxos de IDE, trarão conseqüências de longo prazo para a economia irlandesa. Entre as possibilidades levantas por Barry (2009), a ampliação da União Européia com o conseqüente acirramento da concorrência por IDE pode trazer problemas para a manutenção do nível de renda alcançado pela Irlanda.

5. Conclusões e Perspectivas

O presente trabalho buscou estudar os elementos que dinamizaram a economia da Irlanda e apontar as estratégias que levaram ao sucesso em termos de crescimento econômico, obtida na década de 90. A hipótese de crescimento regional, defendida por BARRY (2003, 2004, 2009), parece ser a mais apropriada para tratar do caso Irlandês, sobretudo das novas perspectivas e desafios que se abrem para a Irlanda no período atual.

A análise da experiência irlandesa torna-se relevante para entender as possibilidades de inserção na economia mundial, sobretudo com o avanço da internacionalização das multinacionais e também as dificuldades de manutenção das estratégias de inserção global em um contexto de instabilidade. O sucesso Irlandês, apesar de diretamente ligado ao aproveitamento das oportunidades postas pela globalização e pelo mercado comum europeu, só foi possível pela implementação de uma política clara de direcionamento e planejamento da estratégia de inserção industrial, o que implica dizer que a hipótese de convergência atrasada defendida por muitos não resiste à análise dos fatos.

Uma nova fronteira se faz presente, no esforço irlandês de para o desenvolvimento manter a estratégia de crescimento. A Irlanda busca agora criar e consolidar-se como um pólo de atração para empresas financeiras, e paralelamente busca desenvolver uma estratégia para tornar-se referência na geração de P&D conforme Barry (2003). Isto demonstra o claro entendimento de que como uma

economia regional, não basta a manutenção de boas políticas macroeconômicas, para que a economia mantenha-se nos níveis de renda atuais, é preciso a constante reinvenção e reestruturação das políticas estratégicas, de incentivo, sem as quais o dinamismo econômico fica comprometido.

As alterações na União Européia com a entrada dos países do Leste, trouxe concorrentes ao modelo de atração industrial Irlandês, por outro lado a U.E. também pressiona pela homogeneização dos impostos entre os países membros, o que impõe à Irlanda novos desafios na busca pela manutenção das conquistas das últimas duas décadas. É uma alteração na dinâmica externa trará consequências grandes para uma economia que optou por inserir-se aproveitando as oportunidades da globalização.

Os efeitos da crise de financeira internacional foram grandes na economia Irlandesa (o que comprova a hipótese de boom regional). A taxa de desemprego subiu aceleradamente, deixando o patamar de 4,5% observado desde o final da década de 90 e alcançou 11,5% em outubro de 2009 (CSO – Ireland), e a perspectiva da OCDE, é de que se estabeleça neste patamar, sobretudo em decorrência do enfraquecimento do setor da construção civil, importante elemento dinamizador da economia no início do século 21.. A perspectiva da OCDE é que o PIB encolha 7,5% em 2009 e só volte a crescer em 2011. Complicado também está o setor fiscal, que de um superávit pequeno em 2006, mergulhou em um déficit de 7,2% do PIB em 2008, e a perspectiva é que se estabilize neste patamar. A Irlanda tornou-se um pólo de atração de mão de obra e já não é um país de baixos salários.

O período foi um grande avanço e construiu um legado que nos permitem dizer que a Irlanda não voltará aos padrões anteriores, da década de 80, trata-se porém de salientar que elementos acima confirmam reafirmam a hipótese de que a estrutura econômica irlandesa, e o modelo de inserção, desenvolvido desde a década de 60, e que teve seu auge na década de 90, não pode de forma alguma ser tratado com convergência natural decorrente da adoção de políticas macroeconômicas corretas, (ortodoxas). Está explícito que a Irlanda é uma economia regional, que depende da ação de políticas direcionadas.

6. Referências Bibliográficas

BARRO, R. Economic Growth in a Cross Section of Countries. **Quarterly Journal of economics**, 1991, p. 407-443.

BARRY, F. **The Celtic Era: Delayed Convergence or Regional Boom?**
Response to policy discussion forum 2 " What have we learnt from the " Celtic Tiger " Phase of Irish economic development, disponível em:
http://www.nuigalway.ie/staff/alan_ahearn/documents/barry.pdf. Acesso em:
Maio/2009.

_____. **Irish Economic Development over Three Decades of EU Membership** in Czech Journal of Economics and Finance, 53, 2003 – Pgs 9-10.

_____. "Export Platform Foreign Direct Investment; Irish Experience", EIB Papers Volume 9, No. 2, 2004.

_____. FDI and Irish Economic Development over Four Stages of European Integration - 2006.

CARDOSO, F ; CORREA, D.; E TADEU LIMA, G. Mudança estrutural, desenvolvimento institucional e crescimento econômico Sustentado: Um comentário sobre a experiência Irlandesa. **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 29, p. 82-91, Janeiro-Março/2009.

CSO Ireland – Central Statistics Office – www.cso.ie

CRAFTS, N ; TONIOLO G. **Economic growth in Europe since 1945**. Cambridge: University Press,1996.

DORGAN, S. **How Ireland Became the Celtic Tiger** – Disponível em:
<http://.heritage.org/research/worldwidefreedom/b1945.cfm>

GODOI, A. S. F. O milagre irlandês como exemplo da adoção de uma estratégia nacional de desenvolvimento. **Revista de Economia Política**. São Paulo, v. 27, Outubro /Dezembro/2007. Acesso em: Maio/2009. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572007000400003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.

GOTTHEIL, F. Ireland: what's Celtic about the Celtic Tiger?. **The Quarterly Review of Economics and Finance**. Illinois, May 2003. p. 72- 737.

IRISH DELEGATION TO THE COMMITTEE OF THE REGIONS – Work Paper – Impact of the EU structural funds in Ireland (1989-2006) – Disponível em
<http://www.iro.ie/EU-structural-funds.html> - Acessado em 23/22/2009.

KENNEDY, K. A. **Economic Growth in Ireland: the experience since 1947**. Dublin: The Economic and Social Research Institute, 1975.

OECD – Economic Outlook – 19, November 2009 – disponível em:
www.oecd.org/oecdeconomicoutlook.

O'FARRELL, P. **Regional industrial development trends in Ireland, 1960–1973**-. Dublin: IDA-Dublin. -1975.

O'GRÁDA, C., & O'ROURKE, K. (1999). In C. Crafts & G. Toniolo (Eds.), *Irish Economic Growth, 1945–1988. European Economic Growth*. Cambridge University

O'GRÁDA, C., & O'ROURKE, K. (1999). In C. Crafts & G. Toniolo (Eds.), *Irish Economic Growth, 1945–1988. European Economic Growth*. Cambridge University.

Ó RIAIN, S. The Flexible Developmental State: Globalization, Information Technology and the “ Celtic Tiger”. **Politics & Society**, v. 28, n. 2. June 2008. p. 157-193.

OZENEN, C G. The Effects of Structural Funds on Ireland's Development and Lessons for Turkey. 2006. Disponível em: <http://ekutup.dpt.gov.tr/ab/ozenencg/irlanda.pdf>

SALA-I-MARTIN, J. **Apuntes de crecimiento económico**. Barcelona: Ed. Antoni Bosch, 2000. 264p.

THIRLWALL, A. P. A natureza do crescimento econômico: um referencial alternativo para compreender o desempenho das nações. Brasília: IPEA, 2005.